

FRONTEIRA, MEMÓRIA E IMAGINÁRIO EM O AMANTE DAS AMAZONAS (1992), DE ROGEL SAMUEL

Fernando Simplicio dos Santos¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a relação entre fronteira, memória e imaginário amazônicos, representada n^o *O Amante das Amazonas* (1992), de Rogel Samuel (1943-2023). Essa produção traduz literariamente a ascensão e decadência do Ciclo da Borracha, por meio da focalização do império construído em Manaus, pela exploração e dizimação de comunidades indígenas, no fim do século XIX e começo do XX. Com essa proposta, destacando uma metodologia de cunho interdisciplinar, mas tendo como foco, sobretudo, teorias do romance e da literatura comparada, podemos verificar na estrutura narrativa determinado estilo tropical, permitindo-nos compreender melhor como se constitui um método de composição literária fronteiriço, o qual combina ficção, testemunho, lendas, mitos, fotografias e, até mesmo, relatos pessoais do autor. Por fim, nossa fundamentação teórica está baseada em textos dos seguintes autores: Ángel Rama (2001), Ana Pizarro (2012), Silviano Santiago (2006), José Luís Jobim (2020), Silviano Santiago (2006), Tomás Eloy Martínez (1996), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteira. Memória. Imaginário. O Amante das Amazonas.

FRONTERA, MEMORIA E IMAGINARIO EN EL AMANTE DE LAS AMAZONAS (1992), DE ROGEL SAMUEL

RESUMÉN

El objetivo de este trabajo es analizar la relación entre la frontera, memoria e imaginario amazónico, representado en el *Amante de las Amazonas* (1992), de Rogel Samuel (1943-2023). Este romance traduce literalmente la ascensión y decadencia del Ciclo del Caucho, por medio de la focalización del imperio construido, en Manaus, por la exploración y diezmo de comunidades indígenas, en el fin del siglo XIX y comienzos del siglo XX. Con esta propuesta, destacando una metodología interdisciplinaria, más teniendo como enfoque, sobretudo, teorías de romance y de la literatura comparada, podemos verificar en la estructura narrativa determinada “estilo tropical” permitiéndonos comprender mejor cómo se construye un método de “composición literaria fronteriza” la cual combina ficción, testimonio, leyendas, mitos, fotografías y hasta relatos personales del autor. Al final, nuestra fundamentación teórica está basada en textos de los siguientes autores: Ángel Rama (2021), Ana Pizarro (2012), Silvano Santiago (2006), José Luis Jobim (2020), Silvano Santiago (2006) Tomás Eloy Martínez (1996) entre otros.

PALABRAS CLAVE: Frontera. Memoria. Imaginario. Amante de las Amazonas.

¹Professor doutor, ministra aulas na Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e docente colaborador da Universidade Federal do Acre (UFAC) e líder do grupo de pesquisa Criação e (re)criação do romance nacional: conteúdo histórico e forma artística (CCRN). E-mail: fernandosimpliciosantos@gmail.com

I.

No decorrer dos séculos XX e XXI, muitos romancistas problematizaram em suas obras temas concernentes à Amazônia. Como exemplo disso, podemos destacar livros de Ferreira de Castro, Abguar Bastos, Márcio Souza, Miltom Hatoum, Luiz Galdino, Rogel Samuel, Nunes Pereira, Salomão Larêdo, Nenê Macaggi, Florentina Esteves, Miguel Ferrante, Jaider Esbell, entre outros. Ao avaliar certas peculiaridades das concepções estéticas desses compositores, é possível averiguar o modo por que o gênero romanesco se originou e se transformou na região referente à Amazônia nacional. Nesses meandros, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, mas tendo como foco, principalmente, teorias do romance e a literatura comparada, identificamos nesse tipo de produção literária a presença de determinado “estilo tropical”. Nesse universo significativo, detectamos, igualmente, um embate secular entre variantes linguísticas, religiosas e culturais, constituído e reconstituído desde as origens da colonização até a nossa contemporaneidade.

No âmbito em que estão contextualizadas as culturas amazônicas, em diversas áreas do conhecimento, enfatiza-se a presença de causos, lendas e ritos que nutrem o imaginário coletivo ou formas e imagens discursivas, atinentes a representações variadas, por exemplo, de comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas. Devido a tais características, há na região em que se situa a grande floresta um entrelaço entre configurações simbólicas e culturais que demanda uma leitura que, cada vez mais, seja capaz de pontuar certas especificidades do universo da mata e de seus espíritos. É nesse compasso que, para nós, o romance *O Amante das Amazonas*, publicado em 1992 e reeditado em 2005 por Rogel Samuel², torna-se uma narrativa *sui generis*. Para compreender a maneira pela qual ocorrem manifestações artísticas elaboradas por meio da focalização deste ambiente singular, acreditamos que seja necessário repensar sobre um mecanismo de análise que privilegie, hoje, um tipo de “método fronteiriço”, capaz de apreciar certos detalhes da América Latina e, mais particularmente, da Amazônia, por meio de um prisma que considere a relação da literatura e outras formas discursivas³.

² Escritor amazonense, radicado no Rio de Janeiro desde 1961, Rogel Samuel foi professor do Departamento de Ciência da Literatura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Entre outras publicações, escreveu, além de *O Amante das Amazonas: Manual de teoria literária; Literatura básica; O que é Teolít; 120 poemas; Novo manual de teoria literária*, entre contos, crônicas, artigos científicos, textos jornalísticos e resenhas disponibilizadas na internet. Rogel Samuel faleceu em 2023, no Rio de Janeiro.

³ Neste ponto, conforme as teorias de Stuart Hall, como discurso “compreendemos uma maneira particular de representar ‘o Ocidente’ e ‘o Resto’ e as relações entre eles. Um discurso é, dessa forma, um grupo de afirmações que fornecem uma linguagem para falar sobre, ou seja, uma forma de representar, um tipo particular de conhecimento sobre um tópico. Quando afirmações sobre um tópico são realizadas dentro de um discurso particular, o discurso possibilita construir o

Nessa cadência, assinalamos que algumas revisões do conceito de fronteira (o qual em princípio trazia uma ideia básica de demarcação de território ou de espaço) passaram a expressar uma aceção oposta, ou seja, relativa a um campo não definido, extremamente instável ou movediço, refletindo em certa reestruturação epistemológica das Ciências Humanas e, por consequência, da teoria, história e crítica literária. Nessa cadência, ao tratar da ressignificação conceitual de fronteira, ocorrida no âmbito dos estudos comparados, Eduardo de Faria Coutinho diz que:

agora, o interesse maior do comparatista deslocou-se, entre outras coisas, da preocupação com a natureza e função da literatura no plano internacional, para a tentativa de compreensão das diversas contradições da categoria do literário em diferentes culturas. A contextualização tornou-se uma palavra de ordem nos estudos comparatistas e o estético passou a ser visto como um valor entre outros, sempre associado a fatores de outra sorte, que incluem necessariamente o político. Tal reviravolta, contudo, não se deu apenas no âmbito da Literatura Comparada; ela é um fenômeno que pode ser claramente observado no seio dos estudos humanísticos de maneira geral de meados do século XX ao presente. (Coutinho, 2017, p. 11).

Segundo Coutinho, a concepção de fronteira – que inicialmente fazia parte das teorias do comparatismo – foi diluída e “a disciplina, além de absorver elementos de outras e de prestar subsídios a suas elaborações, tem-se erigido como espaço de reflexão sobre a produção, a circulação e a negociação de objetos e valores [...]” (Coutinho, 2017, p. 13). Assim, também podemos falar de um acentuado aspecto renovador de cunho interdisciplinar e transversal, inerente a outros patamares dos estudos literários, o qual considera categorias ficcionais em distintos universos culturais. Não por acaso, notamos que conceitos como circulação literária⁴, transculturação⁵ e imaginário, por exemplo, contribuem para revisitar aspectos da teoria do romance, por intermédio da referida quebra de paradigma, interligada às transmutações sofridas pelos métodos críticos desde o século passado.

Não sem razão, teóricos como Ángel Rama (2001), Octavio Paz (1984), Antonio Candido (1989), Ana Pizarro (2012), Silviano Santiago (2006), José Luís Jobim (2020), Neide Gondim (2019),

tópico de certa forma. Ele também limita outras formas de construir o tópico”. (Hall, 2016, p. 332). Já, segundo as teorias de Michel Foucault (2011), entendemos que um discurso não é constituído por uma única afirmação, mas de várias sentenças que em conjunto criam “formas ou formações discursivas” e, dependendo de posições ideológicas, umas podem se contrapor sobre as outras.

⁴ Nesse sentido, José Luís Jobim destaca que [...] a circulação literária e cultural não respeita fronteiras territoriais. Para entender a configuração de sentidos em determinada literatura nacional, é preciso entender as relações desses sentidos com outros, situados em outros lugares e tempos: é necessário entender se, quando, por que e como os sentidos de fora circulam para dentro (e o que acontece quando o fazem), ou os de dentro circulam além do limite extremo do lugar, passando para fora. (Jobim, 2020, p. 11).

⁵Sobre o conceito de transculturação, conferir: ORTIZ, Fernando. *El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco en Cuba*. Editorial de cienciasociales, La Habana, 1983. Verificar, especificamente, o capítulo intitulado “Del fenómeno de la ‘transculturación’ y de su importancia en Cuba”.

entre outros, contribuem para contextualizar algumas das mudanças pelas quais a teoria da literatura vem passando desde o século XX, em particular, sob o prisma de uma perspectiva da diferença, ou seja, definindo a singularidade do discurso literário latino-americano⁶. Para esses críticos, conceitos de cultura, alteridade, realismo, mimeses, sublime, epopeia, narrativa, cânone, aclimação, por exemplo, associaram-se nos últimos decênios a uma profunda (re)sistematização metodológica dos estudos literários e, para nós, isso inclui também revisitar determinadas premissas da teoria do romance⁷, colaborando, portanto, para repensar certas particularidades de produções artísticas que enfatizam culturas e representações amazônicas.

Na esteira reflexiva das observações elencadas acima, temos como proposta deste artigo analisar a relação entre fronteira, memória e imaginário, representada no romance *O Amante das Amazonas*, de Rogel Samuel. Este livro traduz a ascensão e decadência do Ciclo da Borracha, por meio da focalização do império construído, em Manaus, pela exploração e dizimação de comunidades indígenas, no fim do século XIX e começo do XX. Nossa hipótese básica é a de que, a partir da análise dessa obra, seja possível problematizar um método fronteiriço de composição literária, o qual mescla ficção, relatos, lendas, mitos, fotografias e, até mesmo, dados pessoais do autor. Por esse enfoque, é plausível dizer que *O Amante das Amazonas* não é apenas uma obra híbrida, ou seja, que dilui em sua estrutura variados gêneros literários, mas também aponta para uma ressignificação *sui generis* das formas de narrativas, em especial, confeccionadas na segunda metade do século XX e começo do XXI.

II.

No livro *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização (2012)*, Ana Pizarro observa que, para a compreender o imaginário em torno da Hileia, a tríade: Eldorado, Amazonas e Maligno⁸ é de extrema importância, pois esses elementos, para autora, explicam os entrechoques entre a

⁶ Conforme pontua Silviano Santiago, “até os nossos dias, a questão da América Latina e dos seus cidadãos está e continua sendo a produção semântica numa máquina textual de diferenciação, considere-se a saída da máquina como raízes, ou como labirinto. A América Latina se diferenciou da Europa e se diferencia dos Estados Unidos e, por essa razão, é. Europa e Estados Unidos se diferenciam daquela, e, por essa razão, são. Sem o referencial do colono que contradiz a identidade original e modelar do metropolitano e, ao mesmo tempo, a referenda pelo efeito de desterritorialização não há escrita identitária latino-americana.” (Santiago, 2006, pp. 34-5).

⁷ Para compor esse artigo, temos como horizonte analítico, entre outras, as seguintes teorias que se debruçam sobre a forma romance: **a)** *O romance histórico brasileiro contemporâneo* (2010), de Antônio Roberto Esteves; **b)** “Reflexões sobre o romance moderno” (1996), de Anatol Rosenfeld; **c)** *A invenção do romance*, de Jacyntho Lins Brandão (2005); **d)** “A formação do romance latino-americano” (2001), de Ángel Rama.

⁸ Para Pizarro, no que diz respeito ao Maligno, este representa um entre-lugar, “onde existe uma associação que apresenta uma lógica que foge à racionalidade europeia, a qual comumente compõe um “mundo endemoninhado, inclinado à insensatez” [...]. “A noção de mundo, construída pelos amazônidas, tinha uma lógica própria, com deuses e crenças particulares que em muito se distanciavam dos padrões europeus” (Pizarro, 2012, p. 91).

racionalidade europeia e a concepção de mundo, inerentes ao cosmos da selva – repleta de divindades, monstros e crenças variadas. Conquanto sejam retomadas ideias alusivas ao mítico horizonte da floresta, no livro apreciado de Rogel Samuel, as Amazonas não se referem apenas às personagens vinculadas ao imaginário das antigas guerreiras indígenas. Na narrativa, entre outros significados suscitados pela análise literária, essas entidades também traduzem a transmutação pela qual passa o universo da Amazônia, depois de consolidada parte da degradação de bens econômicos e naturais.

Em outro patamar significativo, ao avaliarmos o título da obra, se, de uma parte, as Amazonas podem ser concebidas como símbolos que traduzem certa condição que demarca poeticamente a passagem e a transformação do tempo; de outra parte, o Amante é aquele que, apesar de presenciar a dizimação da floresta e a exploração humana, acredita na restauração constituída pela força da memória. Assim, nessa produção literária, as memórias evocadas pelo narrador se apresentam como entidades reorganizadoras dos elos narrativos, lembrando, não obstante, que “tal elo não pode escamotear a ambiguidade do trabalho da memória: se, por um lado, esta é o que, do passado, é reversível e aceita no presente por todos os que a receberam, a reconhecem e a prolongam ao longo de gerações, por outro lado, ela tende a esconder que a corrupção do tempo (e a historicidade do homem) também trespassa as suas reactualizações e transmissões” (Catroga, 2018, p. 27). No romance em análise, existe uma função narrativa que faz com que o livro represente uma espécie de narrativa memorialística estabelecida por meio de outras memórias.

Para compor *O Amante das Amazonas*, Rogel Samuel fez basicamente dez anos de pesquisa⁹. Não por acaso, a narrativa mescla história e ficção. O próprio autor considera que seu texto é um romance histórico que representa o esplendor e a decadência da era do Ciclo da Borracha no Amazonas (1889-1945). Segundo seus relatos, a trama ficcional foi baseada em casos que seu pai e seus avós lhe contaram durante décadas. O livro apresenta a construção de um palácio simbólico, cujas imagens são centradas em plena Floresta Amazônica. Assim, em *O Amante das Amazonas*, reconhecemos: *a)* a alusão feita ao célebre Palácio Rio Negro; *b)* os papéis fundamentais, exercidos

⁹Em entrevista concedida a um site da internet, Rogel Samuel destaca que, para escrever o seu livro, “foram dez anos de trabalho, mais de 100 livros lidos e dez versões. Mesmo essa segunda edição foi revista. O livro tem aquilo que você viu, é um mar de estórias em torno daquele Palácio construído no meio da selva. Primeiro fiz uma pesquisa, entrevistei pessoas que ainda se lembravam dos fatos. Li cerca de 100 livros. Depois, devido ao excesso de informações fiquei perdido. Aí resolvi contar para um gravador. Depois de ouvir muitas vezes, voltei a narrar no gravador. Então fiz as várias versões escritas, quase dez. Há algo de romance policial ali, além de ficção científica”. “Entrevista concedida por Rogel Samuel em 2007”. Disponível em <https://blogagenda.blogspot.com/2007/11/rogel-samuel.html> Acesso em 19/03/2024.

pelos indígenas; **c)** a Amazônia como principal personagem, isto é, que testemunha a ascensão e a decadência da Era do Ciclo da Borracha; **d)** além de pistas que sugerem que a construção narrativa foi baseada, por um lado, em relatos de ex-seringueiros, de antigos imigrantes; e, por outro, pautada em entrevistas, documentos, fotografias, textos jornalísticos, mapas, entre outros.

Por meio dessas características, o universo ficcional d'*O Amante das Amazonas* está subdividido em 23 seções e simula, de forma ampla, a história de gerações familiares que, (contada por dois narradores distintos, destacando, em especial, as memórias do protagonista Ribamar de Souza), habitaram os entornos da antiga cidade de Manaus da época da extração do látex, a fim de confeccionar e exportar a tão cobiçada borracha. Então, essa obra problematiza questões históricas, porém, seguindo a trilha das observações teóricas de Tomás Eloy Martínez (1996, p.2), é importante relembrar que a reconstrução da história “[...] tenta recuperar o imaginário e as tradições culturais [de certa comunidade] e que, depois de se apropriar delas, lhes dá vida de outro modo” (Martínez, 1996, p.2), e, como todos sabemos, esse outro modo é inerente à arte da ficção.

No decorrer do texto ficcional de Rogel Samuel, o sujeito da enunciação, que narra a primeira parte do livro, lembra-nos com recorrência que seu relato é uma história inventada. Isso ocorre porque, conforme o mencionado acima, na verdade ele reconhece que sua história ficcional está pautada em outras formas discursivas. Todavia, a técnica de composição romanesca apresenta um diálogo que faz referência a acontecimentos históricos, com intuito de marcar uma crítica inventiva e com o objetivo de romper, estruturalmente, com certa concepção de romance tradicional.

Desde o início da obra, o narrador, Ribamar de Souza, apresenta-nos um ambiente de morte, fome e devastação, por causa das péssimas condições de sobrevivência de muitos daqueles que são explorados, de modo contraditório, em nome do progresso. Nessa organização artística, uma das traduções feitas da Amazônia alude a um imaginário que, através dos séculos, representa a ideia de inferno ou, segundo o narrador, de “limite do fim do mundo onde se encontrava envolto no peso de sua surpresa e fama, o lendário, o mítico, o infinito Seringal Manixi” (Samuel, 2005, pp. 11-12), situado a 3.100 km de distância da cidade de Manaus. Nesse ambiente, especificamente a narração problematiza uma confissão a respeito do esplendor e da decadência da vida amazonense, frisando com frequência a situação precária na qual se encontravam seringueiros e indígenas que ali trabalhavam, muitas vezes, até a morte. Em meio a essas e outras questões, o narrador ainda explica que, “[...] nas faces do Igarapé do Inferno, deslizavam as riquezas das cabeceiras do mundo, da Fronteira, do Inevitável, do Inexato, das Árvores do Princípio. Perdidas, devolutas, indemarcáveis

[...]” (Samuel, 2005, p. 18), demarcando, assim, aspectos singulares do romance, sobrepostos a certas concepções de fronteira, memória e imaginário amazônicos.

No texto “A formação do romance latino-americano”, o crítico uruguaio Ángel Rama observa que, em nosso continente, esse gênero se destaca sobretudo pela sistematização dos “[...] planos explícitos do discurso ideológico interpretativo, manipulando-se as significações dos elementos particulares narrativos – as personagens e principalmente as peripécias – para que fossem capazes de reproduzir a articulação ideológica diretamente na consciência do leitor” (Rama, 2001, p.45-46). Em face disso, podemos dizer que o discurso romanesco latino-americano sempre almejou um tipo de representação engajada, a partir da qual passou e ainda passa pela concepção da arte como expressão crítica. Por extensão, observamos que *O Amante das Amazonas* problematiza questões sociais, dando voz a histórias caladas pela historiografia oficial; reconfigurando temas que tangem o imaginário que, por sua vez, gira em torno dessa região; respeitando, para tanto, a singularidade discursiva da Amazônia, isto é, baseada em marcas de oralidade.

Historicamente, o período que corresponde ao Ciclo da Borracha é assinalado por intensas migrações ou deslocamentos. Em Manaus, viviam pessoas de diversas nacionalidades. Nessa paragem, o processo de hibridização se constituiu com a vinda de estrangeiros, com o propósito de explorar lucrativamente as terras amazônicas. Muitos historiadores identificam, na Paris dos Trópicos (como a cidade de Manaus era conhecida na época do esplendor econômico da borracha), a propagação de idiomas, a mescla de costumes e de crenças religiosas, delineando, por assim dizer, um rico processo de hibridismo linguístico e cultural, traçado pelas relações entre indígenas e europeus, por exemplo. Representando certos acontecimentos históricos, o narrador apresenta parte do cenário em que ocorrem as peripécias da seguinte forma:

[...] Estamos a 3.100 km de Manaus. Gabriel Gonçalves da Cunha comprara o rio Jordão e toda a margem esquerda do Igarapé Bom Jardim, até o Igarapé São João e um furo do Igarapé Cruzeiro do Sul. Isolava o Seringal Manixi. A cotação da borracha amazonense sobe na Bolsa de Londres. Aumenta a produção dos pneumáticos. O Amazonas, único produtor de látex do mundo. Manaus rica, copia Paris. Comerciantes enriquecem. Ostenta o Teatro Amazonas os seus espelhos de cristal. Os milionários jogam cartas com anelados dedos pesados de diamantes, arriscando fortunas no Hotel Cassina, no Alcazar, no Éden, no Cassino Julieta. Telhas de Marselha ao luar na Rua dos Remédios, na Rua da Glória. Arquitetura art-nouveau do palácio de Ernest Scholtz - depois Palácio Rio Negro, sede do Governo. Arandelas, bandeiras, implúvio. Intercolúnio. O cunhal, o lambrequim, a voluta, o capitel, a cornija. Arquitrave. Barrete de clérigo, adufa, muxarabi, água-furtada, muiraquitã, envasadura, atleta, estípite. O enxalço, o frontão de canela. Galilé. Pequena Manaus, grande Paris! Lojas, magazines,

charutarias, livrarias, alfaiatarias, ourivesarias. Bissoc. Pâtisserie. Du sucre, desfruits, de lacrème. (Samuel, 2005, p. 59-60).

Nota-se que essa descrição, ao mesmo tempo em que ressalta a arquitetura europeizada da cidade de Manaus, vale-se igualmente de vocábulos da língua francesa (tais como: *fruits, crème, sucre, pâtisserie*, etc.), além de palavras do léxico indígena (como, por exemplo, *muxarabi, muiraqitã, Manixi, etc.*), para pontuar aspectos da hibridização linguístico-cultural em vigor naquele período, em particular no lugar em que se localizam determinadas fronteiras geográficas e culturais. Nessa elaboração romanesca, há uma reorganização de discursos já disseminados, grifando, por consequência, que a arte literária é um tipo de substância múltipla e disforme e se manifesta por meio de “reelaborações daquilo que já foi elaborado”, e, desse modo, redimensionando, em seu horizonte ficcional, gêneros e temas já conhecidos.

Na narrativa, para destacar o universo e riqueza amazônicos, Ribamar de Souza concentra algumas de suas explicações, focalizando a história de Pierre Bataillon, – um francês que veio ao Brasil, com intuito de explorar as terras em que se cultivava a tão desejada borracha e que habitou a região amazônica em meados do século XIX:

Quando, em 1876, Pierre Bataillon chegou naquelas partes, primeiramente encontrou uma pequena aldeia Caxinauá no temor dos Numas quase sujeita, na exterioridade e mobilidade do poder Númico. Poder-se-ia dizer que os Numas os toleravam, temporariamente, e a qualquer momento, resolvessem vir, para os supliciar e exterminar. A aldeia Caxinauá se espremia entre os Numas imprevisíveis e a parte civilizada e conhecida do Rio Juruá, lá onde só era possível encontrar seringueiros perdidos, gente ficada da expedição de 1852. Os Caxinauás tiveram contato com Romão de Oliveira. Os Numas não. Reagiram violentamente desde 1847, quando o sábio Francis de Castelnau por ali passou e os descreveu na *Expedition dans les parties centrales de l’Amerique du Sud*, raro exemplar na biblioteca de Pierre Bataillon. Também Travestin, em *Le fleuve Juruá*, se refere àquelas lutas que tiveram contra os Numas. Em 1854, João da Cunha Correa, no cargo de Diretor dos Índios, subiu o Tarauacá, descobrindo o Gregório e o Mu, sem contato. Pierre Bataillon chegou em 1876. É o que digo (Samuel, 2005, p. 24-25).

Na passagem citada, está descrito o embate entre os povos originários Numas, Caxinauás e todos aqueles que iam aos arredores de Manaus com o objetivo de ficar ricos. Mesmo que o narrador evoque personagens e ambientes históricos, – inclusive mencionando a famosa Expedição às regiões centrais da América do Sul, publicada pelo francês Francis de Castelnau, em quinze volumes, entre os anos de 1850 a 1857, depois de visitar o Brasil, o Peru e a Bolívia –, *O Amante das Amazonas* configura-se em um modelo narrativo que não se enquadra nos moldes dos romances tradicionais. A obra é repleta de *flashbacks*, elipses, *miseseabymes*, anacronismos, diante dos quais o fluxo da

consciência, moldado pelos narradores, entrelaça passado, presente e futuro. Dessa maneira, o tempo da história ficcional reconfigura não apenas a trajetória de vida de Ribamar de Souza, como também reconstrói e desestabiliza elementos da história oficial, sobretudo, por meio de uma paródia romanesca – tal como sublinha o próprio sujeito da enunciação, ao observar que o livro é uma

[...] paródia de romance histórico que define com boa precisão esta minha tardia confissão – vai-lhe revelar a vida tão surpreendente de Ribamar de Souza, aquele adolescente que eu era, aparecido num inesperado dia de inverno da Amazônia dentro da chuva compacta de um obstinado extremamente percussivo em comandos de improvisação de uma partitura imaginária, ecológica, de acordes politonais... (Samuel, 2005, p. 16).

Ao identificarmos que *O Amante das Amazonas* também é uma espécie de romance histórico, é importante lembrar que, embora a estrutura desse tipo de narrativa tenha se modificado através dos tempos, existem duas características básicas que auxiliam na identificação do subgênero: “a primeira é que se trate realmente de romance, ou seja, de ficção, invenção. A segunda é que a narrativa se fundamente em fatos históricos reais e não inventados. A dosagem, com relação à reinvenção dos fatos por parte do escritor, depende de sua concepção de história e da visão de mundo que deseja transmitir a seus leitores” (Esteves; Milton, 2001, p. 89). Isso que dizer que, para compor *O Amante das Amazonas*, por mais que Rogel Samuel tenha se valido de um vasto material documental, sua produção literária empenha-se em desenvolver uma atividade poética, permitindo-lhe interligar elementos da memória com outras construções discursivas que se fundem, intensamente, com a finalidade de recriar o passado de forma artística. Para nós, essa é uma das características principais do projeto romanesco do autor.

N’*O Amante das Amazonas*, as cenas de esplendor delimitadas no transcorrer da trama logo são justapostas às imagens da decadência, como uma das estratégias narrativas que almeja destacar críticas contra a dizimação indígena e a sistemática destruição da floresta, assim como pontua a seguinte passagem do romance:

Naqueles anos os Numas não estavam. Passaram-se vários anos sem eles. Pierre estabeleceu o seu domínio com facilidade, sobre as terras dos Caxinauás pacíficos. Aquela era uma das inúmeras aldeias Caxinauás da Amazônia. Pierre impôs a paz, a ordem. Destruiu a cultura Caxinauás pelo progresso, novo deus que era, e a quem eles se submeteram sem reclamos, quase alegres. A partir de então as mulheres e os rapazes Caxinauás se transformam em objetos do Seringal, pela força da tropa de guerra do Coronel. E a pequena aldeia, empastada de tifo, malária, sarampo e sífilis quase desapareceu: uma epidemia de gripe, em 91, dizimou um terço da população. Os Caxinauás se reduziram a 84 viventes agricultores, servos da gleba do Coronel. (Samuel, 2005, p. 16).

Aqui, é nítido que, por meio da escravidão indígena, tal como ocorreu em outras regiões da Hileia, a cultura *Caxinauá* foi abolida. Ademais, o fragmento citado nos revela um embate entre crenças e costumes, delineando um discurso historicamente imposto ao universo e a muitos habitantes desse ambiente. Sendo assim, é necessário ressaltar que, segundo as observações teóricas de Ana Pizarro, “a Amazônia é uma construção discursiva. Somente através dessa construção é possível chegar à sua imagem. Esta região do imaginário é a história dos discursos que a foram erigindo, em diferentes momentos históricos, dos quais recebemos apenas uma versão parcial, a do dominador” (Pizarro, 2012, p. 33). É nesse sentido que a autora ainda acrescenta que

a Amazônia é uma região cujo traço mais geral é o de ter sido construída por um pensamento externo a ela. Ela tem sido pensada, em nível internacional, através de imagens transmitidas pelo ideário ocidental, europeu, sobre o que eles entendem ser sua natureza, ou, em outras palavras, sobre o lugar que a Amazônia ocupou na sua experiência, imagem eu foi ratificada em diversos textos: crônicas, relatos de viajantes, relatórios de cientistas, informes de missionários. Somente no final do século 19, foram recuperadas as linguagens que deram pluralidade ao discurso amazônico, de forma que hoje já podemos escutar vozes distintas” (Pizarro, 2012, p. 31).

Historicamente, o imaginário amazônico foi arquitetado por leituras que cientistas, cronistas e artistas europeus fizeram dos territórios, símbolos, lendas e espíritos que rondam esse emblemático local, descontextualizando muitas características originais da grande floresta. Dito de outra forma, desde os registros feitos por Cristóvão Colombo, Pero Vaz de Caminha, Américo Vesúcio, entre outros, o imaginário amazônico começou a se integrar ao imaginário europeu, sendo que, por sua vez, este último tinha como tendência recriar o primeiro. Foi assim que, em muitos textos,

o homem e a natureza a eles interessavam mais por serem assuntos ainda inconclusos e sobre os quais se debruçaram pensadores e viajantes europeus. Existe, sim, um lugar secreto na Amazônia. No âmago de suas terras encontra-se a origem de todos os homens. Ela é infernal e paradisíaca, é a síntese dos contrários e a invenção da estética do belo, pois a beleza pode surgir do infernalmente horrível porque exige um olhar primordialmente novo. Nela..., testemunharam a passagem da natureza para a cultura, metaforizada pelos homens-macacos – neles sente-se toda pujança das maravilhas e monstruosidades... –, os elos perdidos com que sonharam os cientistas. Viram gigantescos iguanodontes domesticados por homens pequenos que também construíram suas embarcações e fabricaram armas envenenadas. Para substituir, o mundo necessariamente tem que ser inacessível à força destruidora do homem branco (Gondim, 2019, p. 331).

É também devido a aspectos essenciais ao processo transculturação que podemos identificar na composição ficcional em focoum embate simbólico, vinculado a determinadas “fronteiras dos imaginários”. Por exemplo, esse entrechoque provém do fato de que, se por um lado, tenha existido essa construção e reconstrução do imaginário amazônico, estabelecida por meio de uma perspectiva

estrangeira; por outro lado, acreditamos que romances, – como *O Amante das Amazonas* –, propiciam um tipo de desconstrução do imaginário europeu, porque representam visões de mundo, destacadas por uma perspectiva interna à Hileia. Com outras palavras, determinadas obras romanescas, como, por exemplo, de Abguar Bastos, Luiz Galdino, Jaider Esbell, Nunes Pereira, valem-se de um processo de produção artística, visando restabelecer uma cosmovisão do universo espiritual e geográfico amazônico, refazendo e questionando perspectivas europeias.

Não por acaso, n’*O Amante das Amazonas*, ao reexaminar o rico passado da Paris dos Trópicos, evocando o imaginário amazônico em torno do qual giram, de forma imposta, imagens e formas discursivas atinentes ao processo de exploração, o narrador que relata certos detalhes da vida de Ribamar de Souza constrói seu discurso, declarando o seu paradoxal amor à cidade já representada em ruínas:

Manaus era bela. Calma, profunda, na estagnação da crise econômica, esquecida, abandonada, mas solene. Os grandes e belos palacetes, o ar de soberania art-nouveau - Manaus era uma espécie de cidade -fantasma, mini-metrópole esquecida, batida pela claridade de um sol esplendidamente brilhante. O brilho escorria pelas pedras de morona das calçadas. [...] A crise se demonstrava naquele silêncio quente, ao pôr-do-sol, luzes moribundas, o apagar do apogeu capitalista. A Amazônia ficou sem 80% da sua economia, um deserto morto, estéril, sobre a planície encharcada numa crise que durou meio século. As famílias ricas partiam para Paris, Lisboa. Quem ficou, estava como que morto. Fortunas colossais se reduziram a pó. Maurice Samuel, um dos ricos, perdeu até os móveis de sua casa, penhorados, e mudou-se para uma pequena casa alugada na Silva Ramos. Jóias eram vendidas a qualquer preço. Mulheres ficavam viúvas, passavam a costurar, para sobreviver. O capital desapareceu. Tudo o que era sólido se desfazia no ar e ruía como um castelo de cartas. O Teatro Amazonas foi abandonado, transformado em depósito de borracha velha. O que sobrou foi muito pouco, mas era o que eu mais amava. (Samuel, 2005, p. 109, 116).

Nessa passagem, os símbolos que outrora eram destinados à apologia ao progresso e à riqueza agora aparecem ofuscados em meio a outros significados justapostos aos vocábulos: “decadência” e “ruína”. A cidade de Manaus é representada de modo contraditório, porque, nas palavras do sujeito da enunciação, do belo advém o abandono, o esquecimento, o silêncio, as luzes moribundas, o deserto amorfo, em uma única palavra, a crise pautada no universo ficcional. Ademais, percebe-se no decorrer da obra certa revisão dos conceitos clássicos de narrativa ou de romance. Não sem razão, com esse livro, Rogel Samuel pretende problematizar até mesmo o conceito de estética. O ambiente está pautado por um tipo de “dessublimação do universo amazônico” que não equivale meramente à representação da decadência, mas que também fornece um tom melancólico de beleza às paisagens mortas. Portanto, ao contrário do que geralmente se pensa, para muitos romancistas, bem como para Rogel Samuel, a poética amazônica não traduz

meramente a exuberância de mitos, das águas, dos rios, mas questiona, sobretudo, a sua degradação, inclusive revisitando a própria forma ocidental de romance, ao problematizar nele outros aspectos estruturais.

Com a finalidade de encerrar essa apreciação d’*O Amante das Amazonas*, é preciso retornar ao início da narrativa, para frisar a paradoxal ascensão, proporcionada por um processo que, *ad infinitum*, traduz a violência de um projeto histórico, político e de imposição cultural que até hoje insiste em dizimar a Amazônia e sua cultura. No que concerne a tais reflexões, o narrador destaca que:

[...] tal é a ironia daqueles esforços feitos a fim de engastar no horizonte os filamentos de ouro e tornar mais nítida a impressão de distância, para emporcalhar de ouro a emprestada história – em doença, em loucura, em morte e crimes impunes e imperiais (vários povos desapareceram ali, nos critérios de uma singular estética do capital, nos vazios e nos inócuos de um paganismo coquete, amoral e moderno (Samuel, 2005, p. 21).

Nessas imagens e formas discursivas, “a estética do capital” torna-se uma crítica, inerente à forma estrutural d’*O Amante das Amazonas*, porque remodela uma concepção desenvolvida por um ideal de conquista e exploração. Com isso, a narrativa se opõe, de maneira explícita, à construção elaborada por parte do imaginário europeu sobre a Amazônia. Por tal perspectiva, esse romance transforma-se em uma poética do contradiscurso. Em outros termos, é possível dizer que um dos papéis exercidos pelo livro de Rogel Samuel passa pela compreensão de como o seu texto ficcional ressignifica características de um imaginário historicamente preestabelecido, a fim de criticá-lo e, assim, tecer uma literatura que redimensiona, a partir de dentro, um discurso poético para/da Amazônia, destacando com contundência suas coerências e suas incoerências.

Nesse sentido, a produção literária de Rogel Samuel prima por uma estética que reconheça as múltiplas faces do universo amazônico, instituídas por esse mesmo ambiente plurissignificativo. É por conta disso que, no romance, a memória como fio condutor narrativo, em um primeiro momento, enriquece uma cadeia recordativa que, em uma segunda instância, se transmuta em outras histórias; em outras lembranças; em outras Amazôniaas possíveis. Todas juntas delineiam com força e maestria o mundo d’*O Amante das Amazonas*. É assim que, no final da obra, o narrador sintetiza todas as histórias ali apresentadas, de maneira a reconhecer que, assim como seus relatos, “a Amazônia é um lugar fantástico que também está no fim” (Samuel, 2005, p. 163). E não é por acaso que o narrador se despede do leitor justamente nesse ponto.

III.

Ao analisar *O Amante das Amazonas*, depreende-se que o projeto estético por meio do qual Rogel Samuel o compôs passa pela compreensão de engajamento ou conscientização política, vinculada à exuberância e decadência da Hileia, incluindo a fragmentação da forma romance, visando representar um mecanismo textual que seja capaz de abranger a singularidade das representações do imaginário que nutre esse local ímpar. Em vista disso, compreende-se que, assim como observa no patamar teórico Silviano Santiago, a cultura e a literatura latino-americanas “não mais se definem por uma única máquina textual de diferenciação cujo norte é a nossa origem europeia, trabalho histórico e canônico a que, entre muitos, se dedicou Sergio Buarque de Holanda”. (Santiago, 2006, p. 34). Por esse entendimento, por exemplo, n’*O Amante das Amazonas*, o método fronteiriço está sobreposto a uma escrita da diferença e expressa-se de modo múltiplo, movediço, porque não se prende a padrões preestabelecidos pela teoria, crítica e história literárias, por exemplo. Aqui, é importante lembrar, mais uma vez, que Rogel Samuel foi professor do Departamento de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, não sem razão, para compor essa obra pesquisou diversas fontes por mais de dez anos. Reiteremos, por fim, que, entre o material utilizado para elaborar a narrativa, destacam-se fotos, relatos de indígenas, caboclos, ribeirinhos, em meio a outros tipos de documentos, inclusive pessoais – o que caracteriza, com efeito, a estrutura híbrida d’*O Amante das Amazonas*, tornando-se, sem dúvida, um romance singular.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **A invenção do romance**. Brasília: EdUnB, 2005.

CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática: 1989, pp. 199-215.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

COUTINHO, Eduardo. F. O comparatismo e seus diálogos nos tempos de hoje. **Revista ComparArte**, Rio de Janeiro, volume 01, número 01, Jan.-Jun 2017, pp. 8-19.

ESTEVES, Antônio Roberto. **O romance histórico brasileiro contemporâneo(1975-2000)**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

ESTEVEES, Antônio Roberto; MILTOM, Heloisa Costa. O Novo Romance Histórico Hispano-Americano. In: MILTON, C. M.; SPERA, J. M. S. (Orgs.). **Estudos de Literatura e Linguística**. Assis: FLC-UNESP-Assis Publicações, 2001, pp. 83-117.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21ª edição. Edições Loyola: São Paulo, 2011.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 3.ed. Organização: Tenório Telles. Manaus: Editora Valer, 2019.

HALL, Stuart. O Ocidente e o Resto: Discurso e Poder. **Projeto História: Revista do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, 2016, n.56. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/30023>. Acesso em: 23 mar. 2024.

JOBIM, José L. **Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações**. EdUFRR: Boa Vista, 2020. Disponível em: <http://www.edicoesmakunaima.com.br/catalogo/2-critica-literaria/42-literatura-comparada-e-literatura-brasileira-circulacoes-e-representacoes>. Acesso em: 20 out. 2020.

JOBIM, José L. **Literatura e cultura: do nacional ao transnacional**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
MARTÍNEZ, Tomás Eloy. Ficção e história: apostas contra o futuro, **Estadão**, São Paulo, 05 de outubro de 1996, Cultura/Artes, nº 839, ano 17.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PAES LOUREIRO, João de Jesus de. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. 5. ed. Manaus: Editora Valer, 2019.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

RAMA, Ángel. A formação do romance latino-americano (2001). In: AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini (Org.). **Literatura e cultura na América Latina**. Trad. Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: EDUSP, 2001, pp. 41-47.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: ROSENFELD, Anatol. **Texto/contexto I**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 75-97.

SAMUEL, Rogel. **O Amante das Amazonas**. 1. ed. Editora Aió, 1992.

SAMUEL, Rogel. **O Amante das Amazonas**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2005.

SAMUEL, Rogel. **Novo manual de teoria literária**. 4. ed. Revista e ampliada. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SAMUEL, Rogel. **Literatura básica**. Organização de Rogel Samuel. V.1. Petrópolis/Rio de Janeiro, 1985.

SANTIAGO, Silviano. Duas máquinas textuais de diferenciação: as raízes e o labirinto, In: SANTIAGO, Silviano. **As raízes e o labirinto da América-Latina**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, pp. 31-52.

WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

Data de submissão: 27/03/2024
Data de aprovação: 20/10/2024